

Banqueiros da Inglaterra otimistas com investimentos diretos no Brasil

Os executivos dos bancos ingleses estão otimistas com relação às perspectivas de novos investimentos estrangeiros diretos no Brasil. Foi esse, pelo menos, o consenso a que chegaram ontem três representantes de instituições inglesas: o Diretor do N.M. Rothschild & Sons, Charles Alexander; o Diretor do Schroder Wagg & Co, Alastair Forsyth; e o Diretor do Morgan Grenfell & Co, Nicholas Pitts-Tucker. Eles vieram ao Brasil especialmente para participar do Seminário Panorama do Sistema Financeiro Internacional, promovido pela Associação Comercial.

De acordo com Alexander, mesmo com a moratória não houve restrições à remessa de lucros e dividendos e, segundo ele, é isso o que interessa às empresas. Já Forsyth ponderou que se o clima interno para investimentos estrangeiros diretos no País sempre foi favorável, o mesmo não se pode dizer das aplicações em Bolsa de Valores. Essas restrições no mercado de capitais, frisou, são fruto das restrições do

balanço de pagamentos e do câmbio.

— O Governo tem medo do **hot money** (dinheiro volátil), argumentou. E essa fobia fez com que a participação dos fundos de investimentos estrangeiros nas Bolsas brasileiras caíssem de US\$ 61 milhões, em 1968, para US\$ 17 milhões, em 1972, nível que chega até hoje.

Para Pitts-Tucker, o Brasil pode obter US\$ 2 bilhões por ano em conversão da dívida em investimentos. O problema, a que nenhum deles se referiu, reside no baixo valor das ações atualmente negociadas em Bolsa. Os bancos evitaram relacionar este fato ao grande interesse em aplicar no mercado de capitais brasileiro.

● **PRIVATIZAÇÃO** — O processo de privatização na Inglaterra começou em 1979, com a eleição de Margareth Thatcher, disse o assessor-econômico do Lloyds Merchant Bank, Roger Bootle. De lá para cá, os ingleses já privatizaram, com êxito, 5 bilhões de libras, equivalentes a 3,5% das despesas totais do Governo.